



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Ubi Sunt', de Manuel de Freiras]

Rosa Maria Martelo

Para citar este documento / To cite this document:

Rosa Maria Martelo, "[Recensão crítica a 'Ubi Sunt', de Manuel de Freiras]", *Colóquio/Letras*, n.º 189, Maio 2015, p. 217-220.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

que estamos infinitamente mortos / sobre um fundo dourado», p. 6) e, ainda, a imaginação telúrica («A arquitectura da casa saiu como / um duende de dentro da pedra», p. 48).

Ora, parece-nos claro, encontramos-nos, assim, num território em que a estranheza, magistralmente servida por uma imagética pessoalíssima, mas descendente de William Blake e dos Pré-Rafaelitas, se tornou, apenas e já, uma outra forma de normalidade, uma normalidade subcutânea que vai emergindo através das feridas que o tempo abre na pele do quotidiano: «O céu deixa então cair todos os seus destroços, / uma barra de aço, um copo partido, uma mão / de bronze. Tudo é recolhido pelos pássaros. / São eles que colecionam o que resta da morte» (27). Supomos, pois, não causar estranheza se, para rematar, compararmos esta obra a uma espécie de «magia branca», já pelo recorrente recurso ao sobrenatural, já pela bondade do fim que, ela mesma, configura.

Menção, ainda, a uma série de títulos e dedicatórias em que figuram alguns dos nomes mais significativos da poesia portuguesa do século xx — Fiamá, Ruy Belo, Ramos Rosa, Cesariny, Sophia («A sua voz irrompe das palavras / como uma cortina branca. / Uma voz que se prolonga nos riscos da areia / e mostra a boca oculta da água, / a mesma água que corre sobre as mãos / contra o rochedo da morte», p. 65) — e, bem assim, Sylvia Plath e Elizabeth Siddal, poeta e modelo dos referidos Pré-Rafaelitas.

Por fim, há que registar que o volume em análise, constituído por quatro ciclos («Aves», «Vento», «Música», «Erros») e nove outros poemas (sendo que «A Arte do Fogo», p. 91-96, por exemplo, se divide em três andamentos), reúne textos escritos entre 1990 e 2013 e anteriormente publicados em diversas antologias, revistas e

jornais, portugueses e espanhóis — *Canal, Ópio, Base, Bumerangue, Hablar/Falar de Poesia, Letras Com(n)Vida, Serta, Ruínas, Magma, Criatura e Relâmpago* —, o que, por si só, é demonstrativo da inquietude e da abertura do autor.

*Miguel Martins*

**Manuel de Freitas**

**UBI SUNT**

Lisboa, Averno / 2014

Entre a pergunta (ou talvez constatação) enunciada no título, *Ubi Sunt*, e os dois versos que encerram este livro — «Tínhamos, porém, a mesma idade. / Espera-nos, agora, a mesma morte» (68) — vários motivos levam a recordar uma antiquíssima tradição de escrita que determina não direi a temática destes poemas, mas certamente a maneira como ela pode ser lida. Apesar de assumir aqui pendor declarativo, já que não se faz acompanhar do ponto de interrogação, a expressão destacada no título evoca uma pergunta que a cultura ocidental tem repetido ao longo dos séculos: «Ubi sunt qui ante nos in hoc mundo fuerunt?»

Onde estão os que antes de nós viveram neste mundo? A alusão a esta pergunta — e ao vastíssimo historial meditativo e elegíaco que ela transporta (de Boécio a Jorge Manrique, entre tantos outros), no qual sobressai a consciência da precariedade de tudo quanto é humano e terreno — enquadra a estrutura do livro de Manuel de Freitas. Os títulos das três partes que compõem o volume, «Hic», «Et nunc», «Et semper», acentuam a temática do livro e a relevância de uma meditação sobre a passagem do tempo — embora esta seja menos determinada por reflexões de ordem abstracta do que pelas circunstâncias concretas dos vivos e dos

mortos lembrados ao longo dos textos. Tal como François Villon, que glosou este tópico na «Ballade des dames du temps de jadis», na qual recorda uma distinta linhagem de mulheres, entre as quais se contam Heloísa e Joana d'Arc, Manuel de Freitas também nos dá nomes concretos e localiza no tempo e no espaço as pessoas que evoca. Só que, mais próximo do que faz Manrique quando lembra e louva o pai nas coplas que directamente lhe dedica, o poeta lembra neste livro amigos e familiares que pertencem a um universo mais intimista e circunscrito.

O papel estruturante da pergunta «Onde estão?», bem como do sentimento que ela traduz, também é evidenciado pela temática do poema que encerra o livro porque nele são recordados, sob o título pouco elogioso de «Minus habens», os amigos de adolescência, entretanto perdidos. Desta vez mais à maneira de Rutebeuf — e da pergunta «Que sont mes amis devenus / Que j'avais de si près tenus / Et tant aimés?» —, são lembrados esses que davam pelos nomes de Bruno, Jesus e José Júlio, e cujo rasto entretanto desapareceu, sugerindo-se que eles e um tal Manuel, presumivelmente o próprio poeta, estariam razoavelmente destinados a perderem-se. E o poema termina a todos fazendo iguais, independentemente do que possa ter vindo a ser a vida de cada um, como convém à tradição do *ubi sunt*: «Espera-nos, agora, a mesma morte» (68). Este e outros poemas nos quais se lembram episódios de uma juventude em que não imperou a alegria, ou se recorda «a tristeza, que não passa, da infância» (11), ou mesmo a precoce descoberta do medo (46), levam-nos a revisitar uma geografia já conhecida de outros livros e habitada em grande parte por «personagens» (chamemos-lhes assim, embora com aspas) também reconhecíveis. Reencontramos cafés e tabernas, Zulmira e o

seu filho Epifânio, o Manuel do Estádio e o Ruben... E surgem outros nomes, outras pessoas: o bebedor Inácio, o Conde e a Maria Aurora, que pontificavam no café Estádio mas entretanto deixaram de ser vistos, Judite e Joaquim, proprietários da Tasca do Zambas, na Nazaré. E o gato Barnabé; ou as duas gatas irmãs, Lou e Daisy. Entre os muitos episódios narrados, entre cidades como Lisboa e Coimbra, ou entre Santarém e o Cartaxo, na Nazaré ou nas ruas da baixa lisboeta, os poemas vão acolhendo pessoas, vidas, histórias, amizades. E há, é claro, o amor, nos vários poemas que falam de Inês, ou com Inês. Talvez devesse dizer nos poemas que celebram Inês — ou nos poemas que cantam Inês, de livro para livro. E há vários outros nomes, que nem todos os leitores saberão identificar. Mas o que importa é que designam pessoas reais, que se conhecem entre si — e não são redutíveis a ficções. Chamar-lhes «personagens» parece tão impróprio quanto falar da voz que enunciava estes poemas como outra coisa que não seja a do «poeta Manuel de Freitas», muito embora eu saiba que as coisas não são assim tão simples. Mas é nos versos finais de um poema, e não apenas na capa ou na folha de rosto, que lemos o nome do autor: «Ontem — escrevo-o em Coimbra, / numa fria varanda de hotel — poderia ter sido / uma das noites mais felizes da minha vida. // Mas bebi demasiado *Glenmorangie* / *Nectar d'Or* — e preferia, uma vez mais, / não me chamar Manuel de Freitas.» (29)

Este tipo de registo minimiza quanto possa haver de fingimento no lirismo — e articula de maneira explícita a enunciação lírica com a notação vivencial, deixando-nos entre o registo da autografia, isto é, a tentativa de dizer «quem sou», e o da autobiografia, que anotaria «o que fiz», para seguir aqui uma distinção proposta por Michel Beaujour. Muito do que

sobrevém do passado parece responder a um desejo deste teor. As referências aos amigos mais ou menos perdidos, à taberneira Zulmira, espécie de mãe adotada, às professoras que propagavam o ódio à literatura, e às outras, que resgatavam a poesia; as referências ao pai, recordado com saudade, à mãe, que não conseguirá vencer a morte e a quem o livro é dedicado; a amigos e viagens, a cidades e ruas; tudo parece alternar entre autografia e autobiografia, recolhendo-se, nos dois casos, muitas perdas sucessivas. Mesmo pessoas que ainda estarão vivas parecem ter-se desvanecido nos desencontros de que as vidas também são feitas.

«As árvores, em toda a sua sabedoria, limitam-se a permanecer. Fingem, como nós, a eternidade» — lemos no poema «Pouco depois de Santana» (59). Este fingimento talvez seja simultaneamente o maior desejo e a maior impossibilidade na poesia de Manuel de Freitas, porque ela nunca se conforma com a morte e por isso mesmo não consegue ignorá-la. A morte está sempre presente, juntamente com a perda. Como comecei por dizer, o título do livro coloca-nos na pista de uma espécie de inventário de memórias e de perdas — ou melhor, um inventário de memórias, mas sem esquecer nunca que as memórias apenas na rememoração se podem reconfigurar, o que significa que só como perdas as recolhe a poesia:

ZULMIRA, 1989

Sopa de feijão,  
pataniscas,  
salada de orelha,  
ovos cozidos,  
sardinhas de lata,  
tabaco,  
moelas.

E o ruído do Epifânio,  
na cozinha.

ZULMIRA, 2013

Mesas,  
cadeiras.

Ninguém.

Não há, nos dois poemas, qualquer sentimento expresso, apenas notações informativas. Por uma espécie de sinédoque, sente-se primeiro a presença dos frequentadores de uma taberna que conhecemos bem de outros livros, e depois o seu completo desaparecimento. Acresce que a morte de Epifânio, o filho de Zulmira, já tinha sido mencionada num poema de *A Nova Poesia Portuguesa*, intitulado «*Salve Regina*»<sup>1</sup>.

\*

Sempre houve, na poesia de Manuel de Freitas, uma certa oscilação entre fazer valer o texto como documento ou como monumento. As palavras que dão título às três partes do livro — *Hic, Et nunc, Et semper* — sugerem um nexos com o título, e podem formar uma asserção que remete para o próprio livro, pois este é precisamente *ubi sunt, hic, et nunc et semper*, as pessoas, os lugares, e todas as circunstâncias que se pretende resguardar da perda, ou dela resgatar: o livro é *onde estão* recolhidas *aqui, e agora e sempre*. Nesse sentido, o poeta seria aquele que documenta as perdas para as preservar na forma do poema — e a forma é propriamente o que trans-forma o documento em monumento.

Como acontece com Orfeu, que perde Eurídice pela segunda vez quando olha para trás — e porque olha para trás —, também nestes poemas rememorar, olhar para trás, é um modo de voltar a perder: traz-se à memória, como poema, ritmo, o que nessa forma irá permanecer, mas só permanecerá como perdido, irremediavelmente. E todavia, este voltar a perder é a única maneira que temos de não perder inteiramente:

HOTEL ASTÓRIA, QUARTO 229  
*in memoriam*

Há uma roda gigante que não pára, do outro lado do rio. Também a música ao vivo teima em continuar pela noite dentro, poluindo os arredores de Santa Clara e os lençóis inquietos onde já encontraste o sono.

\*

Mas já só consigo pensar na roda pequena da vida, que ontem se deteve no corpo de um gato escuro, violentamente terno. Há ausências assim, impronunciáveis. Saber que a dor se irá tornando tolerável, que continuaremos a cumprir a breve sucessão dos dias, é tudo menos um consolo. Será, quando muito, um acréscimo de humilhação, o modo baixo como a vida nos obriga a aceitar o inaceitável.

\*

Toquei ontem, pela última vez, na cauda fria de um gato. Chamava-se, neste mundo, Barnabé.

Parca nos efeitos do seu modo de resgate, a poesia nunca aqui serve de grande consolo. Ausências, perdas, desertos são recorrentes neste livro, como na generalidade dos livros que o precederam. Mesmo a poesia também surge como perda:

Talvez já me pertença, de pleno direito, a hora desta terrível pergunta: «Por quanto tempo poderemos amá-los, a esses jovens, sem os ofender?» Gostava de te falar de outro assunto, de encontrar um tema diferente para a poesia de que já não sou capaz. (55)

Este é um livro que regressa ao mesmo Vale de Santarém onde tudo começou, «entre Tejo e nada» (45). Constata numerosas perdas (o pai, a mãe, certos amigos, um gato escuro chamado Barnabé) e avalia o escasso sentido que une e desune a escrita e a vida recontada. Neste voltar

ao princípio, reata-se um auto-retrato: naquele sentido em que Derrida reivindica ser legítimo chamar auto-retrato a tudo quanto nos afecta ou a tudo o que deixamos que nos afecte<sup>2</sup>. A escrita de Manuel de Freitas foi sempre a busca do próprio rosto, e também a narrativa dessa busca, levada a cabo não tanto diante do espelho quanto através dos muitos reflexos em que a vida nos devolve o olhar: lugares, acontecimentos, cidades, ruas, pessoas, a música, filmes como os de Tarkovski e de Béla Tarr, tão presentes neste livro. E os amigos. E Inês... E num inconformado sobressalto, a lembrança da morte, sempre «inaceitável» (56). E uma atenção constante às pequenas epifanias — porque «vita brevis breviter in brevi finietur», como avisava um *virelai* do *Llibre Vermell de Montserrat*.

Rosa Maria Martelo

#### NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

- <sup>1</sup> Manuel de Freitas, *A Nova Poesia Portuguesa*, Lisboa, Poesia Incompleta, 2010, p. 9.
- <sup>2</sup> Jacques Derrida, *Mémoires d'Aveugle. L'autoportrait et autres ruines*, Paris, Editions de la Réunion des Musées Nationaux, 1990, p. 68.

#### Ruy Ventura

##### RUA DA OUTRA RUA

Lumme Editor, São Paulo / 2014

Ao fim de catorze anos de atividade poética com edições em livro, seis obras publicadas e algumas traduzidas para castelhano, inglês e alemão, Ruy Ventura vê agora editada no Brasil uma antologia da sua poesia, brilhantemente prefaciada por António Carlos Cortez num texto intitulado «Ruy Ventura: apresentação de um poeta português ao leitor brasileiro de poesia». Aí, Cortez circunstancia a obra do poeta no contexto de alguma da me-